

A MAGIA DO TAMBOR



Marco A. Pinheiro

PREFÁCIO

O objetivo dessa obra é fornecer algum conhecimento de fundamentação quanto ao culto ao tambor, sabemos que cada culto, cada vertente religiosa, tem sua própria ideologia, seus próprios rituais e fundamentos, portanto, procurei abordar o culto ao tambor de uma forma geral, mais primitiva. Infelizmente, ainda nos falta muita fundamentação que se perdeu, ou que não veio a público, existem alguns cultos que mantem essas informações em segredo, mas procurei trazer o máximo de informação que consegui, de uma forma objetiva, pois entendo que as pessoas assim como eu, não gostam de perder tempo, então em minhas obras procuro ser bem direto e objetivo, sem enrolação, para não cansar o leitor.

Com base em pesquisas em livros, palestras de mestres e até mesmo tirando dúvidas com mentores espirituais, procurei criar aqui uma base de informações para que o leitor tenha um entendimento melhor do trabalho com o tambor, com o objetivo de agregar conhecimento.

Um agradecimento especial ao Pai Benedito, Pai Joaquim, ao meu mentor Alabê e ao meu Exu, Senhor Tiriri, que estão sempre me ajudando e me mostrando o melhor caminho.

Espero que esse livro possa de alguma forma te ajudar e esclarecer suas dúvidas.

Uma boa leitura.

Desde o pulsar rítmico no útero materno, o primeiro som que conhecemos, a humanidade tem uma conexão intrínseca com a cadência. Não é de se espantar, portanto, que o tambor, um dos instrumentos mais antigos da história, tenha se tornado uma ferramenta universal e poderosa na busca pelo sagrado. Sua história é a história da própria civilização, e sua influência reverbera através de crenças e rituais, das práticas ancestrais às religiões contemporâneas.



Os primeiros tambores eram extensões da própria natureza. Troncos de árvores ocos, cobertos com peles de animais esticadas, foram encontrados em sítios arqueológicos que datam de 6000 a.C. na Mesopotâmia e no antigo Egito. Antes mesmo da palavra escrita, o som grave e ressonante de um tambor podia comunicar, reunir e alertar.

No entanto, sua função rapidamente transcendeu o mundano. O som do tambor era visto como a própria voz da Terra, a batida de seu coração. Para muitas culturas animistas e xamânicas, o ritmo monótono e crescente era o veículo para a jornada espiritual. O xamã, ao tocar seu tambor, não estava apenas fazendo música; ele estava cavalcando as ondas sonoras para viajar entre os mundos, comunicar-se com espíritos ancestrais, invocar forças da natureza para a cura ou prever o futuro. O tambor era seu "cavalo" ou "canoa" para o mundo espiritual.

Em nenhum outro lugar do mundo o tambor alcançou um status tão central e sagrado quanto na África. Mais do que um instrumento, em muitas tradições, o tambor é uma entidade, uma divindade. No povo lorubá, por exemplo, o orixá Àyàn (ou Inhã) é a personificação do tambor e do som. Acredita-se que ele reside dentro do instrumento e é a força que permite a comunicação entre os seres humanos (Ayé) e os orixás (Orun).

Os atabaques utilizados em cerimônias de Candomblé e Umbanda no Brasil são herdeiros diretos dessa tradição. Eles não são meros acompanhamentos musicais; são objetos consagrados, "batizados" em rituais específicos e tratados com o mais profundo respeito. Cada um dos três tambores (Rum, Rumpi e Lé) tem uma voz e uma função. O Alabê ou o Ogã responsável por tocá-los é um sacerdote, um mestre que conhece os toques (ritmos) específicos para invocar cada orixá, para contar suas histórias e para conduzir o transe dos iniciados. O som do tambor é o que "traz o santo para a terra", é o fio condutor do axé, a força vital sagrada.

No Oriente, o tambor também possui um profundo simbolismo. No Hinduísmo, o damaru, um pequeno tambor em forma de ampolheta, é um dos principais atributos do Deus Shiva. Acredita-se que o som do damaru de Shiva produziu o primeiro som da criação, o Nāda, do qual toda a matéria e a linguagem se originaram. Sua batida contínua simboliza o ritmo vital do universo, o ciclo incessante de criação e destruição.

No Budismo, especialmente nas tradições tibetanas e japonesas, os tambores são usados de maneiras distintas. O damaru tibetano é utilizado em rituais tântricos para marcar o ritmo dos cânticos e mantras, ajudando a focar a mente e a invocar divindades. No Japão, os imponentes tambores taiko são tocados em templos budistas e xintoístas. Seu som poderoso e visceral é usado para purificar o espaço, afastar maus espíritos e chamar a atenção dos Deuses durante festivais e cerimônias.

A relação do tambor com as religiões abraâmicas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) é mais complexa e, por vezes, controversa. Na Bíblia, instrumentos de percussão como o tof (um tipo de tambor de mão ou pandeiro) eram frequentemente usados por mulheres, como Miriã, irmã de Moisés, para celebrar vitórias e em adoração (Êxodo 15:20).

Contudo, com a institucionalização do Cristianismo, especialmente na Europa, houve um movimento para distanciar a prática religiosa de suas raízes pagãs. Instrumentos rítmicos e de percussão, associados a festivais populares, danças e rituais de transe, foram gradualmente marginalizados ou banidos dos serviços litúrgicos, vistos como muito "mundanos" ou "carnais".

Essa visão começou a mudar significativamente no século XX, especialmente com o surgimento de movimentos pentecostais e carismáticos, e com a crescente influência da música gospel afro-americana. Hoje, a bateria e outros instrumentos de percussão são parte integrante do louvor em inúmeras igrejas cristãs ao redor

do mundo, vistos como uma forma vibrante e poderosa de expressar alegria e adoração a Deus.

No Islamismo, o uso de instrumentos musicais na adoração é um tema de debate teológico. No entanto, o daff (um tipo de tambor de armação) é tradicionalmente considerado permissível e é usado em algumas correntes, especialmente no Sufismo, durante as cerimônias de dhikr (lembração de Deus), onde o ritmo ajuda os fiéis a atingirem estados de êxtase espiritual.

Do xamã siberiano ao sacerdote de Candomblé na Bahia, do monge budista no Japão ao coro gospel em Chicago, o tambor demonstra sua capacidade única de transcender a cultura e a doutrina. Ele é a ponte entre o físico e o espiritual, o som que ancora o presente e invoca o ancestral.

Seja para induzir ao transe, para celebrar a vida, para meditar ou para louvar, o tambor continua a ser o coração pulsante da experiência religiosa humana. Ele nos lembra de uma verdade fundamental: que no ritmo, na vibração compartilhada, encontramos uma linguagem universal capaz de nos conectar uns aos outros e ao mistério do divino.

AYAN AGALU (A ORIXÁ DO TAMBOR)

AYAN é uma Orixá FUNFUN, Orixás funfun são as primeiras divindades criadas por Deus, divindades que tem como rito comum o uso de elementos e oferendas de cor branca. Ayan é considerada uma Orixá feminina ligada a Oxalá ou uma Oxalá feminina.

Ayan vem da palavra Ayon que é uma divindade egípcia, que era filha de Maatsu.

Ayan é a representação sonora dos Orixás, é o veículo que dá voz aos Orixás.

Ayan também é o nome de uma árvore muito forte.

Ayan é a divindade das artes, da música, da dança, da poesia, e tudo que se refere a felicidade, Divindade da harmonia, da alegria, da preservação de tudo que é bom no universo.

Diz a lenda que Olodumare ensina os mistérios de cada Orixá a Ayan, para ensinar os homens a louvá-los através do canto, da dança e dos ritmos sagrados.

O próprio tambor é considerado a veste material de um espírito, e cada tambor possui um espírito elemental.

O toque do tambor revela a arte de conectar-se com a Mãe Terra e com o nosso eu interior sintonizando nosso coração ao dela.

Alguns historiadores e antropólogos do século XX destacaram a idéia de que a maneira utilizada para se chegar aos conhecimentos místicos em religiões primitivas esteve sempre associada ao êxtase (o transe) provocado pelo toque do tambor. Esse instrumento seria então o responsável pela comunicação entre o

homem e as divindades – seres responsáveis pelo comando da Natureza em nosso planeta.

Ayan Agalu, a Orixá dos tambores, da música e da comunicação divina na religião Yoruba, é uma figura central e vibrante no panteão africano e em suas manifestações na diáspora. Reverenciada como a primeira tocadora de tambor e o espírito que habita o próprio instrumento, Ayan é a força que dá voz aos Deuses e aos ancestrais, conectando o mundo material ao espiritual através de seus ritmos pulsantes.

Nos primórdios da cosmologia Yoruba, antes da palavra escrita, existia o som. E no coração desse som estava Ayan. As tradições orais, conhecidas como itan, contam que Ayan Agalu foi um ser humano de extraordinária sensibilidade e conexão com o mundo espiritual. Ele foi o primeiro a perceber que a madeira oca das árvores, quando coberta com a pele de um animal, podia produzir sons que imitavam a própria fala humana, as nuances e os tons da língua Yoruba.

Ayan não apenas criou o tambor, mas se tornou a mestre de sua linguagem. Através de seus toques, ela podia enviar mensagens, contar histórias, louvar os Orixás e até mesmo acalmar os espíritos mais furiosos. Sua habilidade era tão divina que, após sua morte, ela foi deificada, tornando-se a Orixá que personifica a essência do tambor. Acredita-se que o espírito de Ayan habita em cada tambor sagrado, e que cada tocador de tambor é, em essência, um de seus descendentes espirituais.

Os mitos que cercam Ayan Agalu a retratam como uma figura de grande poder e importância no panteão Yoruba. Uma das histórias conta que, em um tempo de grande silêncio, quando os Orixás não se comunicavam com os humanos, foi Ayan quem, através de seus tambores, conseguiu reabrir os canais de comunicação. Seus ritmos eram tão potentes que alcançaram os céus, e os Orixás, encantados e despertados por sua música, voltaram a interagir com a humanidade.

Outro itan narra a relação de Ayan com outros Orixás. Diz-se que ela é a porta-voz de todos os Deuses, e que nenhum Orixá pode ser propriamente louvado ou invocado sem a presença de seus tambores. Em festivais e cerimônias, é o som do tambor de Ayan que convoca os Orixás a descenderem e se manifestarem em seus devotos.

Ayan Agalu é a patrona de uma vasta gama de tambores Yorubá, cada um com sua voz e propósito específicos. Os mais sagrados entre eles são os tambores gudugudu e o conjunto de tambores batá.

O conjunto de tambores batá é fundamental nos rituais para Xangô, o Orixá do trovão e da justiça, mas sua consagração e uso estão intrinsecamente ligados a Ayan. Um conjunto de batá é composto por três tambores de tamanhos diferentes: o Iyá (mãe), o Itótele (meio) e o Okónkolo (pequeno). Juntos, eles criam uma complexa polirritmia que pode "falar" provérbios, contar histórias e invocar os Orixás. A construção de um tambor batá é um processo ritualístico, e a madeira

preferida para sua confecção é a *Cordia millenii* (igi ọmọ), acreditando-se que ela possui uma afinidade espiritual com Ayan.



Os tambores Batás tem pele dos dois lados

Existe uma lenda que conta que Ayan deu o tambor Batá a humanidade e ensinou a usá-lo, o tambor Batá é fechado com pele dos dois lados e dentro é guardado os mistérios de Ayan Agalu, mas o homem começou a usar nas guerras, o que era proibido por Ayan, foi aí que Xangô desceu dos céus com seu machado e partiu o tambor em dois, deixando ele como conhecemos hoje, com pele em apenas um dos lados, quando ele fez isso, os mistérios que estavam dentro do tambor caíram na terra, e a terra os absorveu, por isso, os tambores não poderiam mais ser tocados deitados como era feito com os Batás, e sim tocados em pé, pois o lado que não tinha a pele tinha que estar conectado à terra, onde agora estavam os mistérios de Ayan, desde então a grande missão dos Alabês é tocar o tambor, trazendo paz e harmonia para a humanidade a fim de juntar novamente o tambor Batá e resgatar os mistérios de Ayan, esse também é um dos fundamentos do porque o tambor é um instrumento ligado à terra.

Outros tambores importantes incluem o dùndún, conhecido como o "tambor falante" por sua capacidade de imitar os tons da língua Yoruba, e os tambores igbìn, usados no culto a Obatalá.

Ayan é a divindade da paz, ela não aceita sacrifícios.

Sincretismo com santa Cecília, padroeira dos músicos.

A música é o que define a inteligência e a sensibilidade de um povo, sua função é harmonizar as pessoas.

O ALABÊ

Cada instrumento musical se conecta com um elemento natural:

Instrumentos de tecla se conectam à água.

Instrumentos de sopro se conectam ao ar.

Instrumentos de corda se conectam ao fogo.

Instrumentos de percussão se conectam à terra.

Voz (canto) se conecta ao éter (espaço tempo).

Os tambores se conectam à terra, por ser um instrumento ancestral e por evocar nossos ancestrais que depois de desencarnados se uniram à terra. A terra recebe todo axé, toda vivência e sabedoria desses espíritos que servem de base para gerações futuras, os ancestrais se manifestam através do tambor para perpetuar sua cultura, conhecimento, sabedoria e essência.

Esse elemento tão sagrado, não poderia ser tocado por qualquer pessoa, teria que ser uma pessoa extremamente capaz de entendê-lo e honrá-lo, a essa pessoa se dá o nome de Alabê que significa “O dono da cabaça” ou “O Senhor dos tambores”. Ele não é apenas um músico; ele é um sacerdote do som, o elo de comunicação primordial entre o mundo material (Aiyê) e o mundo espiritual (Orun). Sua principal ferramenta é o atabaque (chamado de Ilù em Iorubá), e sua sabedoria é o vasto repertório de toques e cânticos que invocam os Orixás.



O atabaque não é um instrumento africano, é um instrumento árabe (Al Tabaq), entrou na África via Marrocos e se tornou muito popular por ser mais fácil de produzir.

Acredita-se que antigamente os Alabês colocavam parte de sua própria essência no tambor, cada Alabê tinha seu próprio tambor, pois para se tornar um Alabê parte do rito consistia em produzir seu próprio tambor, ele tinha que buscar um tronco de

árvore, geralmente uma árvore caída ou que já estivesse cumprido sua função na natureza, pois não poderia cortar uma árvore ainda viva, depois deixá-la oca, caçar um animal que seria retirada a pele para o couro, produzir de fato o tambor, colocá-lo no tempo para receber a força do sol e da lua e por fim a consagração do tambor ao Alabê, onde seriam colocados dentro do tambor, elementos sagrados de conexão com o mundo espiritual.

As responsabilidades do Alabê vão muito além de simplesmente "tocar o tambor". Ele é o pilar que sustenta a energia do ritual.

É o Alabê quem comanda o Xirê, a sequência de cânticos e toques que saúdam e invocam cada Orixá. Ele dita o ritmo da festa, acelera ou acalma a energia e sabe exatamente qual toque chamar para que o Orixá se manifeste, dance e transmita sua mensagem.

O toque do Alabê é considerado a própria voz que chama o Orixá à Terra. Diz-se que o Orixá "dança sobre o couro" e que a sua coreografia sagrada só se desenrola em resposta direta aos floreios e diálogos rítmicos propostos pelo Alabê, especialmente no atabaque maior, o Rum.

Em geral nos terreiros temos uma formação de três atabaques:

Rum - O mais grave, o atabaque de comando, o tambor dos reis, ou do pai.

Rumpi - O médio, o atabaque das Yabás, do feminino, da mãe.

Lê - O mais agudo, o atabaque do descendente, do filho, do aprendiz.



Os atabaques não são objetos, são divindades consagradas, extensões do Orixá Ayan Agalu. O Alabê é o zelador desses instrumentos. Ele é responsável por:

Alimentá-los: Realizar as oferendas necessárias para manter o axé (energia vital) dos couros.

Conservá-los: Cuidar da madeira, afinar os couros e mantê-los em um local sagrado e respeitoso.

Consagrá-los: Liderar os rituais de consagração de um novo atabaque.

Guardião da Memória e da Oralidade: O Alabê detém um conhecimento enciclopédico. Ele precisa memorizar os toques, cânticos (orins) e rezas (orikis) para cada Orixá, para cada momento ritual (consagrações, iniciações, festas, etc.). Esse conhecimento é transmitido oralmente, de mestre para aprendiz, ao longo de décadas.

O termo Alabê é muito antigo, hoje é mais comum dar o nome de Ogan para aqueles que tocam atabaque, porém a palavra Ogan foi criada no Candomblé e não se restringe apenas ao tocador de tambor, ela tem um significado mais amplo, significa “O senhor da minha casa” e pode ser aplicado a várias responsabilidades como Ogan de sacrifícios, Ogan que cuida das ervas e folhas, Ogan que cuida das cerimônias e por aí vai, claro dependendo da linha de trabalho de cada casa de axé, mas na Umbanda o termo é restrito para quem toca o tambor. Existe muita discussão em se usar o termo Ogan na Umbanda pois é algo inerente ao Candomblé, mas levando em consideração a influência que o Candomblé tem na Umbanda podemos aceitar o uso, pois se tornou muito popular, apesar de o mais correto de se utilizar seria o termo Alabê, ou simplesmente tabaqueiro, ou atabaqueiro.

Nos terreiros de Umbanda o Alabê, ou Ogan, é um sacerdote, é o segundo em comando, é o responsável pelo trabalho quando o sacerdote está ausente ou incorporado, e auxilia o sacerdote nas tarefas espirituais.

O Alabê sendo um representante direto dos Orixás, deve não só aprender e ensinar toques e cantos, mas também seguir em um caminho de virtudes, sempre buscando melhoria e sabedoria, não é compatível com um Alabê, a ignorância, a soberba, a vaidade, o egocentrismo, o preconceito, ou seja, ele não deve apenas tocar para os Orixás, ele deve personificar a essência dos Orixás, deve se tornar um verdadeiro mestre, uma tarefa um tanto quanto difícil, mas extremamente necessária, porque o Alabê é o ponto de força, é a segurança que a comunidade precisa, é aquele que se deve confiar, e prover confiança, esperança e sabedoria, não é nada fácil, por isso, bater tambor é para muitos, mas ser um Alabê é para poucos, requer vontade, dedicação, paciência e muita... muita... muita fé.

OS TOQUES DO TAMBOR

Os toques em si mudam de culto para culto, por exemplo os toques de Candomblé são diferentes dos toques de Umbanda, no Candomblé existe um toque para cada Orixá é um conceito diferente, um fundamento diferente, podem ser tocados com as mãos ou com baquetas chamadas de “aguidavis ou oguidavis”, que também

tem seus próprios fundamentos, já na Umbanda os toques são direcionados a cadência e frequência da vibração, toques mais rápidos são usados para trabalhar energias que limpam, descarregam, direcionam, movimentam, os toques mais lentos são para trabalhar as energias que acalmam, relaxam, aquietam. Não são necessariamente ligados a um orixá, tem mais a ver com o tipo de energia que está sendo trabalhado naquele momento, e aí entra a estratégia, a sabedoria de usar os toques, por exemplo, em uma desobsessão, o guia precisa tirar o obsessor da pessoa, então pede um ponto de descarrego, temos que entender que se eu tocar um barravento por exemplo, o obsessor pode se revoltar e dar mais trabalho, o obsessor não pode simplesmente ser retirado, porque ele vai voltar, ele precisa ser capturado e encaminhado, nesse caso eu puxo um ponto tranquilo num ijexá, eu envolvo o obsessor sem ele perceber enquanto os guardiões vão se posicionando para capturá-lo, e na hora certa ele é capturado e encaminhado. Outro exemplo é na hora da defumação, geralmente eu começo com nagô e vou evoluindo para samba e por fim termino no barravento, eu faço uma limpeza gradativa, sintonizando a energia da gira já na hora da defumação.

Precisa-se então desenvolver uma percepção quanto à necessidade do trabalho. Posso aplicar qualquer toque em qualquer momento da gira, isso só vai depender do contexto. É comum termos uma ajuda dos guias, pois geralmente são eles que nos orientam, mas temos que entender que devemos sempre buscar o desenvolvimento da nossa sensibilidade para que também possamos ouvir nossos mentores do tambor.

Existem muitos toques de Umbanda e cada toque pode ter muitas variações, assim como o mesmo toque pode ter muitos nomes dependendo da região do Brasil que você está, dentre eles temos o Ijexá, Nagô, Base, Samba, Ketu, Congo, Barravento e Tradicional, esses são os principais, cada um deles pode ter suas variações e cada variação pode ter um nome específico, mas vamos falar um pouco sobre esses que eu citei:

Ijexá, Nagô e Tradicional são para energias mais tranquilas, como Preto-Velho, Oxalá, Nanã, Oxum, Iemanjá, dentre outros.

Base e Samba são para trazer alegria, despreocupação, leveza, como Baianos, Caboclos, Boiadeiros, Exu e Pomba-gira, Oxossi, Iansã, Xangô, dentre outros.

Ketu, Congo e Barravento são para movimentar, direcionar, desagregar, descarregar, como Exu e Pomba-gira, Baianos, Boiadeiros, Iansã, Xangô, Ogum, dentre outros.

Como estamos trabalhando no contexto de vibração eu posso tocar tanto ijexá como barravento para o mesmo Orixá, vou exemplificar, digamos que estamos trabalhando com Ogum, mas COMO estamos trabalhando com Ele? Ogum General, o Ogum estrategista, o Ogum calmo que está formulando uma ação, essa

vibração é tranquila, precisa de discernimento, precisa de clareza. Já o Ogum Guerreiro é aquele que vai pra luta, precisa de movimento, agilidade e perspicácia, enquanto um eu trabalho no Ijexá o outro eu trabalho no Barravento, o mesmo Orixá sendo trabalhado de diferentes formas, para diferentes objetivos.

Essa questão de qual toque usar para qual Orixá depende muito do entendimento que o terreiro tem da Umbanda, Umbanda Tradicional diverge um pouco da Umbanda Sagrada que diverge um pouco da Umbanda Exotérica e assim por diante, esses fundamentos que estou compartilhando é referente a um estudo que fiz junto aos guias que tenho acesso, mas claro que o entendimento pode ser outro dependendo da ideologia e cultura do terreiro.

Quero enfatizar que não sou o dono da verdade, apenas ofereço uma perspectiva baseada em estudo, cada um segue aquilo que lhe fizer mais sentido.

Continuando a falar dos toques, hoje um mesmo toque é feito por todos os tabaqueiros, ou seja, o Alabê chefe puxa o toque e os outros entram, tocando o mesmo toque. Nas informações de culto a Ayan, observasse que nos primórdios do culto ao tambor os toques eram todos feitos simultaneamente, cada Alabê fazia um toque diferente, o Ijexá que se encaixava num nagô, que se encaixava num samba, enfim todos os toques sendo feitos simultaneamente num sincronismo inacreditável e divino.

Mas isso é possível? Sim, isso é possível, mas qual o fundamento disso?

Temos que levar em consideração que os toques que conhecemos hoje por Ijexá, Nagô, Samba, etc, são lembranças dos toques originais, pois naquela época eles não tinham esses nomes e muito provavelmente não eram tocados exatamente da forma que é hoje, se tem uma coisa que a História nos ensina é que sempre há adaptações em tudo que herdamos e em tudo que deixamos de herança, mas ainda assim direciona-se ao sagrado, nesse contexto de antigamente os toques eram como códigos, inclusive quando se consagra um tambor Batá a Ayan é colocado uma tábua que está gravada os toques primordiais em uma espécie de código, esses códigos eram uma referencia a um Orixá, pois sim, havia um toque para cada Orixá, porque Ayan é a mensageira dos Orixás e cada Orixá tinha sua forma de comunicação, pois os Alabês tocavam para todos os Orixás de forma simultânea porque assim acreditava-se que conseguiam se comunicar com o próprio Deus, pois Deus é a soma do todo.

Hoje os toques foram separados e trabalhasse com eles individualmente. Note que ao longo do tempo, os fundamentos mudaram, foram adaptados e readaptados, segundo o entendimento das gerações seguintes, e hoje muita coisa se perdeu, porém a prática continua, o tambor ainda é usado como forma de comunicação, mesmo sem muita informação, mas aqueles que tem a ancestralidade no couro,

sempre são chamados a continuar sua jornada junto a seu povo.

PONTOS CANTADOS

Vamos agora falar dos pontos cantados na Umbanda. Pontos cantados são ordenações, são firmezas, é a verbalização da ação, tudo que se faz na Umbanda tem um ponto cantado para firmar aquela energia, seja para cerimônias, guias, Orixás ou momentos da gira, a Umbanda é cantada.

Ao contrário do Candomblé que tem um viés mais pragmático em seus cânticos, a Umbanda tende a ser mais versada, com rimas e harmonias populares.

O que difere os pontos são seus fundamentos, muitos dos pontos antigos foram passados pelos próprios guias e seus fundamentos são implícitos que nos remetem a uma prática comum na época da escravidão, naquela época os escravos precisavam conversar, mas o capataz não poderia entender o que eles diziam, então eles falavam em códigos, essa forma de comunicação foi mantida e preservada nos pontos de Umbanda antigos, quem nunca leu um ponto antigo e não entendeu muito bem o que ele dizia? Uma outra coisa que vemos muito é o ponto sendo cantado errado, isso porque antigamente os pontos eram passados oralmente, você ouvia o ponto cantado e reproduzia, como um papagaio, porém não se tinha microfone, caixas de som, o som do canto se misturava com o som do atabaque, e tinha a questão da dicção de quem cantava, resultado de tudo isso, você ouve errado, canta errado, ensina errado e assim por diante.

O toque comanda a vibração, mas o ponto cantado dá a direção pra onde aquela energia deve ir e como deve ser trabalhada.

Não sei por qual razão, mas hoje não se vê mais os guias ensinando pontos cantados como era antigamente, em contra-partida temos hoje inúmeros autores de pontos de Umbanda, não que isso seja errado, muitos pontos fortes e bem fundamentados foram escritos por essas pessoas, não duvido que foram inspiração dos guias, mas devo dizer que as vezes fico com muito receio, pois pessoas sem fundamento e que só querem fama, ou até mesmo pessoas bem intencionadas mas sem experiência e bagagem, não deveriam se meter a fazer algo tão sagrado sem a devida preparação.

Devo dizer que com o toque certo e o ponto certo, você acessa qualquer energia, em qualquer lugar.

Uma outra coisa que devo alertar, ponto cantado é fundamento, ponto cantado é mantra, terreiro não é barzinho, já ouvi filhos falarem: “Nossa, esse ponto é chato, canta outro...” como se fossemos banda de bar - “Toca Rauuuulll...”, ponto cantado deve ser respeitado, deve ser entendido, deve ser conectado, é o mesmo com as palmas, tem que haver harmonia, vontade, dedicação e acima de tudo MATURIDADE, não é o que você quer, é o que o rito exige.

Antes de cantar um ponto, entenda o ponto, ele pode não estar alinhado com o

fundamento da sua casa, não cante porque é legal ou bonito, cante porque tem fundamento pra você.

Vou dar aqui um exemplo de ponto cujo fundamento foi passado pelo próprio guia:

“Quem quiser me ver, sobe encima do barranco Zé
Mas o homem é, Tranca Ruas do Embaré”

Nesse ponto temos o termo “barranco” que significa faixa vibratória ou um ponto mais elevado, assim como morro, escada, etc, a palavra Embaré no ponto quer dizer “acima de todas as coisas”, ou seja, pra você acessar o Sr. Tranca Ruas você deve evoluir, é um ponto de firmeza pois está firmando sua força e poder.

Um outro exemplo é esse:

“Moça dos cabelos negros, o que traz em seu balaio?
Ela traz acarajé com azeite de dendê.
Inanauê, Inanauá, Inanauê é Nanã de Buruque.”

Esse é um ponto que eu não usaria pois pra mim não faz sentido, eu cultuo Nanã como sendo a Vó, a Senhora de grande sabedoria, então ela não pode ser Moça como diz o ponto e no meu culto, acarajé e azeite de dendê são elementos de lansa, esse é o exemplo de um ponto que eu não usaria.

Por isso é importante fundamentar o ponto antes de colocá-lo no rito.

O MENTOR ALABÊ

Como existem os guias nas linhas de Umbanda, também existe um mentor no trabalho com o tambor, isso não é muito explorado, infelizmente, mas vamos falar um pouco sobre isso. Vou compartilhar as informações que chegaram até mim sobre esse tema.

O Alabê Ancestral ou Ogan Ancestral é um nome dado ao mentor espiritual do Alabê, no caso, ele não é o primeiro Alabê, ele é chamado de Ancestral porque está ligado a ancestralidade do Alabê, mais especificamente ao Orixá Ancestral do Alabê, todos temos três Orixás que nos guiam nessa vida, o Orixá de frente, o ajuntó e o ancestral que rege a nossa essência. O culto ao Alabê Ancestral é importante porque firma ainda mais essa energia tornando o trabalho no atabaque mais forte. Ele deve ser tratado como outros mentores espirituais, pode-se acender velas, fazer oferendas, e pedir intuição e auxílio no trabalho espiritual.

No Candomblé o Ogan não incorpora, mas na Umbanda isso é mais flexível, um Alabê pode tocar atabaque e incorporar se necessário, devo salientar aqui que

estou dando uma perspectiva minha, do meu trabalho, eu quero explorar cada campo mediúnico, sem limitações e dogmas. Digo isso porque tive a oportunidade de trabalhar com meu Alabê Ancestral incorporado, ele não veio em uma gira, veio em consagrações de atabaque, mas foi uma sensação muito diferente, única. Não digo que isso vai acontecer com você, só estou relatando minha experiência.

Ele veio em um momento que estávamos firmando o atabaque da casa, os guias passaram o ponto riscado do atabaque e ele se manifestou, depois disso ele vem apenas para consagrações e nunca disse uma palavra, trabalhou calado.

Quando falamos de atabaque, estamos falando de um universo a parte, com seus próprios ritos, firmezas, ponto riscado, ervas específicas, elementos específicos, ideologia, direcionamento, etc, eu entendo que existe muitos dogmas ligados ao trabalho e ao culto ao tambor, como por exemplo O Ogan não poder incorporar, ou só se admitem homens, mulheres não podem tocar o couro, mas isso diz respeito ao Candomblé, e claro eles tem seus fundamentos quanto a isso, isso não está em discussão, já na Umbanda o conceito é outro, o fundamento é outro, a perspectiva é outra, não se pode criticar o trabalho na Umbanda baseando-se no Candomblé, é irracional, cada um tem suas características, a forma com que se lida com o mundo espiritual não pode ser regulada, ou seja, se o Candomblé criou um rito para trabalhar a sua fé, com seus dogmas e ideologias, não quer dizer que seja a única forma de acesso às forças primordiais ou naturais que existem, vejo alguns sacerdotes afirmarem justamente que a forma como eles fazem é a única correta e as outras estão erradas, me parece até evangélico falando... Temos que ver por uma perspectiva mais ampla, eu mesmo, busco conhecimento sobre o trabalho com Ayan Agalu para poder usar essa força no meu atabaque, mas já ouvi sacerdote de Candomblé dizer que só se cultua Ayan no Candomblé.

O que realmente é preciso é estudo, conhecimento, sem dogmas, conhecimento puro e simples, sem essa coisa de “eu posso, você não pode”, mas claro sempre reconhecendo a ancestralidade, talvez esse seja o objetivo em criar tantos dogmas, tantas regras, a necessidade de manter vivo o culto e a memória dos nossos ancestrais.

Mas voltando ao tema : Alabê Ancestral, podemos acender velas brancas ou da cor do Orixá Ancestral do Alabê, caso ele saiba, oferendas podem ser feitas com elementos de Oxalá, pois Ayan é uma Orixá Fun Fun, pode-se ainda consagrar imagens de Ogan e pedras do Orixá Ancestral do Alabê.

O ponto riscado do atabaque envolvem os mistérios dos fundamentos da casa, do atabaque e do próprio Alabê, firmando todas essas energias num único ponto de força, geralmente esse ponto é passado pelo guia chefe da casa, temos então a estrutura:

Atabaque -> Ponto Riscado -> Alabê Ancestral -> Alabê -> Tabaqueiros

Todos muito bem firmados e fundamentados.

CONSAGRAÇÃO DO ATABAQUE

Existem muitas formas de consagrar um atabaque, a forma mais simples e comum é o guia chefe da casa “cruzar” o atabaque, dentro dos fundamentos dele.

Uma outra forma é a maneira que eu faço, que me foi ensinada, um ritual que o próprio Alabê pode fazer, mas ressalto que diante dos fundamentos da sua casa pode ser que você tenha que alterar algum elemento ou adaptar o ritual, vamos lá: Primeiro é necessário alguns elementos: Pemba, nós moscada, canela, alfazema, alecrim, cravo da Índia, casca de jurema. Esses elementos devem ser moídos até virarem pó, depois deve ser consagrado.

Segundo passo é defumar o atabaque para limpá-lo espiritualmente.

Terceiro passo é pegar o pó que foi preparado e assoprá-lo, primeiro dentro do atabaque, vá assoprando e girando ele para que o pó penetre nos vãos da madeira, depois coloque o atabaque em pé e assopre o pó sobre o couro nas quatro direções.

Quarto passo é ascender velas ao redor do atabaque, as cores vão depender dos Orixás que a casa cultua, então ascenda uma vela para cada Orixá que a casa cultua, inclusive Exu e Pomba Gira.

Depois disso você pode fazer uma reza pedindo a consagração do atabaque, algo espontâneo que venha do seu coração, mas se você quiser algo pronto vou te dar uma dica.

Para consagrar o pó:

Eu evoco Deus, evoco os Divinos Tronos Regentes, evoco a Justiça Divina e sua Lei Maior, evoco o Povo da Curimba, peço que imante, energize e consagre esse preparado, para que seja utilizado na consagração de minha curimba, para que ela se torne um canal de comunicação entre nós e as Forças Divinas, que assim seja e assim será, em nome de Deus, Saravá.

Para consagrar o atabaque:

Eu evoco Deus, evoco os Divinos Tronos Regentes, evoco a Justiça Divina e sua Lei Maior, evoco o Povo da Curimba, peço que imante, energize e consagre esse atabaque, para que seja utilizado na comunicação entre nós e as Forças Divinas, que jamais seja usado para a prática do mal, estando assim, aquele que for o responsável, submetido à Justiça Divina, que assim seja e assim será, em nome de Deus, Saravá.

Lembrando que o que vale é a intenção, o direcionamento, verbalizar aquilo que você quer, dessa forma se você quiser usar ou criar alguma outra evocação também é válido.

O que acontece na consagração de um atabaque?

Isso é muito interessante, nós ouvimos falar que o atabaque é vivo, mas como assim?

Existem diversas dimensões espirituais, nós conseguimos acessar essas dimensões porque somos vivos, conscientes e seres espirituais, espírito fala com espírito, quando consagramos um atabaque é depositado nele um espírito elemental, que vai ocupar esse atabaque fazendo com que ele ganhe a capacidade de comunicação com o mundo espiritual e suas diversas dimensões, mas esse espírito não tem uma consciência, ele é direcionado pelo Alabê, quando o Alabê toca, canta, pensa ou vibra o atabaque se conecta aquela energia, abrindo um canal com a aquela dimensão, e quando digo dimensão pode ser lugares, divindades ou espíritos, dependendo do culto.

O atabaque passa a ser uma extensão do Alabê e vice-versa. O atabaque não faz distinção de energia, ele acessa qualquer energia que precisar. Por isso o Alabê deve estar muito ciente de sua responsabilidade.

Dentro do culto ao atabaque, temos alguns rituais de manutenção energética.

Caso você cultue Ayan dentro dos seus ritos, não se pode oferecer sacrifícios nas oferendas, apenas elementos naturais como frutas de polpa branca, flores brancas, ervas de Oxalá, canjica, etc, resumindo, elementos de Oxalá. Pode-se colocar o atabaque deitado em uma esteira ou em pé, com a oferenda em volta, ou ao lado, acender velas brancas e cantar pontos de Oxalá ou se souber, para Ayan. Pode ainda colocar a oferenda no meio e rodear com os atabaques, acender as velas, tocar e cantar pontos de Oxalá ou Ayan.

Em alguns cultos o atabaque é dedicado a um Orixá específico, então deve-se fazer a oferenda na força desse Orixá, inclusive com o sacrifício, se assim ordena o rito.

Uma outra prática é sempre que houver jejum, colocar um pouco para o atabaque também. É muito importante alimentar o atabaque para manter sua potência e evitar que ele precise absorver a sua energia para executar o trabalho.

Isso tudo são fundamentos e cuidados que devemos ter no trabalho com o atabaque, mas a verdadeira magia do atabaque é aquela que toca o coração, quando o atabaque toca, inspira e emociona, faz as pessoas vibrarem, entrando em conexão com o sagrado, todos numa mesma vibração.

AS ERVAS DE AYAN

É fundamental entender que, diferente de outros Orixás, Ayan Agalu não possui uma lista de ervas exclusivas para si. Isso ocorre porque Ayan é um fundamento, a energia divina que habita o tambor sagrado. Ela é a própria voz e o espírito do som.

Começamos com as ervas de base

Peregun (Dracena): Uma das folhas mais importantes em qualquer ritual. É usada para purificar, proteger e sacralizar. O peregun verde e amarelo (rajado) é especialmente ligado à riqueza e ao movimento de Oxumaré, mas o peregun verde é fundamental em quase todas as assentos.

Folha da Fortuna (Saião / Abamodá): Usada para invocar bênçãos, prosperidade e para confirmar se os rituais foram aceitos.

Akoko: Erva de grande fundamento, ligada à perpetuação do poder e do axé, muito usada em iniciações.

Ervas de Ogum: A Força e o Trabalho

Ogum é o Orixá do ferro, das ferramentas e do trabalho incansável. Ele empresta seu axé para dar força ao Alabê e para consagrar as partes de metal do atabaque (como as garras de afinação).

Aroeira: Erva de grande poder, usada para defesas, para dar força e para "esquentar" rituais.

Mariwô (folha da palmeira de dendê): Colocado nas portas dos terreiros, é um símbolo de Ogum que protege contra energias negativas.

Pata de Vaca: Erva ligada a Ogum, usada para abrir caminhos e para firmeza.

Ervas de Oxóssi: A Origem da Madeira

Oxóssi é o rei da mata, de onde vem a madeira que forma o corpo do tambor. Ele empresta seu axé para conectar o instrumento à sua origem na natureza e para dar foco e precisão ao Alabê.

Guiné (Petiveria alliacea): Uma erva extremamente poderosa para limpeza espiritual, quebra de demandas e fortalecimento do campo energético.

São Gonçalinho (Caatinga de Mulata): Considerada a "erva da obediência" do atabaque, muito usada em seus rituais de consagração para que o tambor "responda" corretamente ao tocador.

Folhas de Palmeira e Coqueiro: Representam a fartura e a conexão com a mata.

Ervas de Xangô: A Realeza do Som

O som do tambor, especialmente do Alujá, é a voz que saúda a realeza de Xangô. O Alabê muitas vezes é um sacerdote diretamente ligado ao culto deste Orixá.

Quebra-Pedra: Seu nome já diz tudo, uma erva de Xangô que simboliza sua força sobre as pedreiras.

Folha do Fogo (Tinhorão): Planta que representa a energia ígnea e vibrante de Xangô.

Erva de São João: Associada à força do fogo e usada nos rituais e fogueiras de Xangô.

Ervas de Oxalá: A Paz e a Bênção

Oxalá, o grande pai, é quem traz a paz, a calma e a bênção final para que o ritual corra em equilíbrio. Suas ervas são usadas para purificar e acalmar.

Boldo (Tapete de Oxalá): Erva fundamental para banhos de purificação e para acalmar a cabeça (o ori).

Folha da Costa (Saião): Já mencionada, mas também muito ligada a Oxalá pela sua capacidade de trazer paz e bênçãos.

Alfazema e Manjerição: Ervas calmantes, usadas para harmonizar o ambiente e atrair boas vibrações.

Aqui estão algumas ervas e seus fundamentos, que podem ser usadas para os rituais com Ayan, como banhos, amaci, defumações, etc, cada erva aqui citada tem seu fundamento e importância e além do uso como já foi citado, são indicadas também para a lavagem da cabeça e das mãos do Alabê na sua consagração. Mas ressalto que não é uma regra, o guia chefe da casa pode usar outro ritual com outras ervas dentro de seu próprio fundamento.

XANGÔ: O PATRONO DO TAMBOR

O Rei e a Voz: Por que Xangô é um dos Orixás do Tambor?

É uma excelente pergunta que toca no coração da complexa e bela relação entre os Orixás na cultura Iorubá. Embora Ayan Agalu seja o Orixá primordial do tambor, o espírito que habita o instrumento e lhe dá a capacidade de "falar", Xangô é universalmente reconhecido como um dos principais Orixás do tambor por uma razão fundamental: ele é o rei para quem o tambor fala mais alto.

A associação de Xangô com os tambores, especialmente os sagrados tambores Batá, é profunda e multifacetada, unindo sua história como rei humano, sua personalidade divina e um mito central de sua trajetória.

Podemos entender essa conexão através de três pilares principais:

1. O Rei que Ama a Dança e a Música

Xangô, antes de ser divinizado, foi o quarto Alafin de Oyó, um rei histórico, poderoso, vaidoso e que amava as celebrações, a pompa e a demonstração de poder. Os tambores, na cultura lorubá, não são apenas instrumentos religiosos; são símbolos de realeza, poder e comunicação social. O som dos tambores anunciava a chegada do rei, celebrava suas vitórias e animava as festas em seu palácio.

A música e a dança eram extensões da sua própria energia: vibrantes, magnéticas, fortes e dominadoras. Portanto, os tambores se tornaram a "voz" da sua realeza. Os ritmos tocados para Xangô refletem sua personalidade: o Alujá, seu toque mais famoso, é um ritmo frenético, guerreiro e majestoso, que evoca o crepitar do fogo e o poder do trovão, elementos que ele domina.

2. O Mito da Troca com Orunmilá

Um itan (mito) crucial solidifica Xangô como o patrono da dança e dos tambores. A história conta que Xangô, em sua jornada, possuía o dom da adivinhação, o poder de ver o futuro. Contudo, seu temperamento impetuoso e sua paixão pela vida, pela guerra e pela celebração o deixavam inquieto com a introspecção e a calma que a adivinhação exigia.

Em um encontro histórico, ele fez um pacto com Orunmilá (o Orixá da sabedoria e do destino, mestre do oráculo de Ifá). Xangô, reconhecendo que seu verdadeiro poder estava na ação e na expressão, trocou o axé da adivinhação pelo axé da dança, da música e do encanto dos tambores.

Essa troca é profundamente simbólica:

Xangô abdicou de saber o futuro para poder comandar o presente.

Ele entregou a sabedoria silenciosa do oráculo para receber o poder vibrante e contagiante dos tambores Batá, tornando-se o proprietário simbólico deles.

A partir desse mito, Orunmilá se tornou o grande adivinho, e Xangô se tornou o rei cuja presença é mais poderosamente invocada pela música, o senhor da dança que comanda o ritmo da vida e da justiça.

3. O Tambor como Arma e Símbolo de Justiça

Para Xangô, o som do tambor não é apenas música; é um decreto. É o som do trovão que anuncia sua chegada e a aplicação de sua justiça. Os tambores Batá, com sua capacidade de "falar" através de diferentes tons, são os arautos perfeitos para o rei. Eles podem louvar, mas também podem proclamar sentenças e intimidar os inimigos.

A dança de Xangô ao som do Alujá mimetiza um guerreiro em combate e um rei em seu trono. Ele brande seu Oxé (machado de duas lâminas) como se estivesse aplicando a justiça, e o som dos tambores é a trilha sonora desse ato de poder.

Distinção entre Ayan e Xangô

É vital fazer a distinção para um entendimento completo:

Ayan Agalu é a alma, o princípio divino dentro do tambor. Ele é a própria comunicação e o som. Todo tambor, para qualquer Orixá, depende do axé de Ayan para funcionar.

Xangô é o principal patrono e homenageado pelos tambores, especialmente os Batá. Ele é o rei cuja energia e história estão mais intrinsecamente ligadas à celebração, ao poder e à dança que os tambores proporcionam.

Em suma, Xangô é um dos Orixás do tambor porque ele escolheu a música e a dança como a principal manifestação de seu poder real e divino. Enquanto Ayan é a voz, Xangô é o rei que deu àquela voz seu propósito mais glorioso: celebrar a justiça, a vida e o poder real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, o tambor nos remete à nossa ancestralidade, à vida, ao poder de ser quem somos, livres, responsáveis, maduros e precisamos sim nos preocupar com a perpetuação dos ensinamentos ancestrais.

A folha pode estar no alto, desfrutando do vento, do sol e da paisagem, mas se não fosse a raiz, o tronco, o galho, ela nunca existiria, a natureza tem muito a nos ensinar, basta olhar com mais atenção. Aquele que veio antes deve ser reconhecido e respeitado, sempre. Apenas tendo uma raiz forte, teremos um futuro glorioso, senão estamos fadados à mediocridade.

Agradeço a todos os meus ancestrais !

Agradeço a todos os Orixás !

Agradeço a Deus !

Salve Ayan Agalu !

Salve Xangô !

Salve o povo da curimba !

Salve todos os Alabês, Ogans e Tabaqueiros !

E um grande salve a você, que busca esclarecimento e entendimento. Seguimos juntos nesse caminho.

Um forte braço !

Marco Pinheiro.